

HOMENS CONDENADOS POR FEMINICÍDIO ÍNTIMO/ HOMICÍDIO CONJUGAL: AVALIAÇÃO DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE

GARBIN, Adriana¹

BRUGNARA Heloisa²

LOURINI, Fernanda³

aagarbin@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo foi levantar e identificar os traços de personalidade de homens condenados e presos por feminicídio íntimo/homicídio conjugal através do teste psicológico “As Pirâmides Coloridas de Pfister”. Participaram da pesquisa oito homens condenados por feminicídio íntimo ou homicida conjugal e presos em regime fechado em duas penitenciárias localizadas em um município do Oeste do Estado do Paraná e com idade acima de 18 anos e com diferentes níveis de escolaridade. Para isso, foi aplicado um Questionário Sociodemográfico e o Teste “As Pirâmides Coloridas de Pfister”. Com base no questionário foi possível identificar que 62,5% dos homens entrevistados possuem o ensino fundamental incompleto, a maioria se considera pardo, 75% dos homens possuem crença religiosa e 75% possui antecedente criminal, na maioria dos casos, 87,5%, a vítima era a companheira/cônjuge. Mediante o teste aplicado foram levantados os seguintes traços da população estudada, apresentando características como: introversão, agressividade, frágil estrutura da personalidade, excitabilidade, impulsividade, pouca estabilidade, vulnerabilidade, ausência de mecanismos de controle, inibição, retraimento e dificuldade em elaborar conflitos. Em decorrência do crescente número de homicídio contra a mulher, se faz necessário uma melhor compreensão sobre esse fenômeno, com o intuito de auxiliar no entendimento do mesmo e, assim, possibilitar intervenções para serem realizadas com o agressor.

Palavras-chave: Feminicídio. Homicídio conjugal. Traços de personalidade. Teste “As Pirâmides coloridas de Pfister”.

¹ Orientadora. Psicóloga com formação na abordagem cognitiva, especialização em educação especial e mestre em psicologia forense. Docente do curso de Psicologia e dos cursos de Pós-Graduação do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

² Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

³ Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

MEN CONVICTED OF INTIMATE FEMINICIDE/ CONJUGAL HOMICIDE: ASSESSMENT OF PERSONALITY TRAITS

GARBIN, Adriana¹

BRUGNARA Heloisa²

LOURINI, Fernanda³

aagarbin@hotmail.com

ABSTRACT

The aim of this study has been identify the traces of men convicted and imprisoned for intimate femicide\ spousal homicide through the psychological test “Pfister’s Colored Pyramids.” Eight men convicted of intimate femicide or conjugal homicide and arrested in a prison in one of the two penitentiaries located in a western city of the state of Paraná have been participated in the research, the participants were over 18 years old and with different levels of education. For this, a Sociodemographic Questionnaire and the “Pfister’s Colored Pyramids Test” were applied. Through the questionnaire ,it has been identified that 62,5% of the men interviewed have incomplete elementary school, most of them consider themselves brown,75% of men have religious belief, and 75% have a criminal antecedent .In most cases,87,5% ,the victim was the partner /wife. Through the applied test ,the following traits of the studied population were raised, the following characteristics stand out : introversion, aggressiveness, fragile structure of personality ,impulsiveness, poor stability, vulnerability, absence of control mechanisms, Inhibition, wince, difficult in elaborating conflicts. As a result of an increasing number of homicides against women, a better comprehension of this phenomenon is needed assisting for a better understanding and thereby allowing interventions with the aggressor.

Key words::Femicide. Conjugal homicide. Personality traits. The Pfister Colored Pyramids.

¹ Orientadora. Psicóloga com formação na abordagem cognitiva, especialização em educação especial e mestre em psicologia forense. Docente do curso de Psicologia e dos cursos de Pós-Graduação do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

² Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

³ Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz.

1 INTRODUÇÃO

Existe uma sensibilização difundida pela mídia sobre as mulheres vítimas de violência físicas e psicológicas e as vítimas de homicídio conjugal, sendo oportuna, a reflexão sobre a dinâmica complexa e multifatorial do homicida conjugal (MARQUES, 2014).

A cada 100 mil mulheres 4,8 são vítimas de homicídio no Brasil, colocando-se entre 83 países do mundo na 5ª posição internacional, estando atrás de países como El Salvador, Colômbia, Guatemala e Federação Russa que estão com taxas superiores de homicídios de mulheres (WAISELFISZ, 2015).

O estudo bibliográfico realizado por Pereira (2012) mostra que os instrumentos projetivos mais utilizados para as avaliações forenses no Brasil são a Técnica de Rorschach, o Teste de Zulliger e o HTP (House-Tree-Person). Não há estudos sobre a avaliação dos traços de personalidade através das técnicas projetivas “As Pirâmides Coloridas de Pfister” em avaliações forenses, sendo de grande importância a realização do mesmo.

Essa pesquisa tem relevância social, haja visto que uma melhor compreensão sobre a personalidade de homens condenados e presos por feminicídio íntimo/homicídio conjugal, auxiliará para um melhor entendimento sobre o fenômeno e com isso possibilitará que intervenções possam ser realizadas com o agressor. Existem poucos estudos sobre este fenômeno no Brasil, por isso, compreende-se que a pesquisa contribuirá significativamente para a ciência na área da psicologia jurídica.

A pesquisa teve como objetivo verificar os traços de personalidade de homens condenados e presos por feminicídio íntimo/homicídio conjugal obtidos por meio da aplicação do teste “As Pirâmides Coloridas de Pfister”, buscando saber, se existe semelhança ou não, entre os traços de personalidade.

A violência de gênero é permeada pelo predomínio do poder masculino em relação às mulheres, baseado na hierarquia de gênero e nos papéis sociais que definem o que é ser mulher ou ser homem (RODRIGUES *et al*, 2016). Ela está presente em todos os países, independente da cultura e do grau de desenvolvimento. A violência de gênero é algo aprendido socialmente e historicamente nas instituições, como, família, escola, Estado e igreja, desenvolvendo um importante papel na disseminação destes valores (BALESTERO E GOMES, 2015).

A partir da Revolução Francesa começou a se questionar sobre a condição da mulher na sociedade. Alguns anos depois, na Europa, surgem as primeiras ideias feministas, problematizando a desigualdade, no qual as mulheres são figuras dominadas e os homens

figuras dominantes. A violência de gênero contra as mulheres é um problema de saúde pública e de violação de direitos humanos (HASSE, 2016).

Para Balestero e Gomes (2015), o ser masculino, desde os primórdios, exerce uma suposta dominação e superioridade sobre as mulheres. O problema não reside apenas na imposição de comportamentos e valores, mas sim, em como esses valores são aprendidos pelas próprias mulheres. Outro fato a considerar é a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que possibilita a independência econômica. Essa situação é geradora de conflitos, já que os homens perdem o papel de provedores de suas casas. Diante disto, muitos reagem de forma agressiva e isso pode aumentar o número de violências de gênero (MENEGUEL e HIRAKATA, 2011).

Segundo Bittencourth *et al* (2018), o termo feminicídio tem como objetivo reconhecer e dar visibilidade à opressão, desigualdade e violência contra as mulheres, que em sua forma mais aguda pode acabar em morte. Essa forma de assassinato é um processo contínuo de violência.

A expressão “femicídio” foi utilizada pela primeira vez por Diana Russell em 1976, em um discurso que ela fez em um Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, realizado na cidade de Bruxelas. Este evento reuniu aproximadamente duas mil mulheres de quarenta países diferentes, que estavam lá para testemunhar e trocar experiências sobre a violência e opressão feminina. Na ocasião ela utilizou o termo para se referir aos assassinatos de mulheres cometido por homens (RODRIGUES, 2016).

Em 09 de março de 2015 foi sancionada a Lei nº 13.104/15 que alterou o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848 do Código Penal, que prevê o feminicídio como assassinato contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. No § 2º- Considera-se que há razões de condição do sexo feminino quando o crime envolve: I) violência doméstica e familiar; II) menosprezo ou discriminação à condição de mulher (BRASIL, 2015).

Antes de ter o nome feminicídio, o assassinato contra mulheres por razões da condição de sexo feminino, poderia ser enquadrado como homicídio qualificado por motivo torpe (Inciso I do § 2º do Artigo 121º do Código Penal) ou fútil (Inciso II) ou em virtude de dificuldade da vítima de se defender (Inciso IV). O feminicídio é dividido em três tipos: o feminicídio íntimo que é aquele que existe um vínculo afetivo ou de parentesco entre a vítima e o agressor; feminicídio por conexão que é aquele que ocorre na situação em que uma mulher é morta por um homem ao tentar interferir na morte de outra mulher; e, por fim, o feminicídio não íntimo que é aquele que não existe vínculo algum entre a vítima e o agressor (BITTENCOURTH, SILVA e ABREU, 2018).

De 2003 a 2013 o número de mulheres vítimas de violência passou de 3.937 para 4.762, aumento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes do sexo feminino em 2013 representam que

ocorreram, em média, 13 homicídios femininos diários (WASELFISZ, 2015). No estado do Paraná a taxa é ainda mais alarmante, a cada 100 mil mulheres 6,3 são mortas. No *ranking* brasileiro o estado ocupa o terceiro lugar. Com base nesses dados, fica clara a gravidade deste problema que atinge a população paranaense (MADUREIRA *et al.*, 2014).

Existem fatores socioeconômicos e demográficos associados ao assassinato de mulheres, dentre esses fatores, pode-se citar a pobreza das famílias, a diferença de idade entre o homicida e a vítima e não serem casados formalmente. Um terço das mulheres tentaram se separar antes de serem assassinadas e possuíam um histórico de violências com o agressor (MENEHEL E HIRAKATA, 2011).

Nos homicídios que as vítimas têm relação afetiva com os homicidas, podem ser encontrados na literatura os termos “crime ou homicídio passional” e “homicídio conjugal”, esses termos referem-se ao homicídio de um (a) parceiro (a) (BORGES, 2011). O termo “homicídio passional” deriva da palavra “paixão”, portanto, são crimes cometidos por esse sentimento. Mas na linguagem jurídica, entende-se como “passional” um crime cometido em razão de relacionamento amoroso ou sexual (ELUF, 2007).

Os homicidas passionais possuem uma exagerada necessidade de dominação e uma preocupação com a reputação. Quem comete um crime passional traz um anseio de autoafirmação, ou seja, quer mostrar o seu poder sobre o relacionamento (ELUF, 2007). Assim, pode-se dizer que o homicídio conjugal é uma realidade multifatorial, portanto, podem-se entender esses fatores como sendo sócio demográficos, psicológicos, contextuais e situacionais (MARQUES, 2014).

A percepção, memória, inteligência, afetividade, são algumas das funções da vida psíquica do indivíduo, quando existe a interação do sujeito com o meio ambiente, ele se torna uma unidade integrada. E tende a agir e se comportar de maneira característica em várias situações. A abordagem da personalidade deseja circunscrever essas características e diferenças dos indivíduos (PACHECO, 1998).

Para Baptista (2008) a personalidade deve ser entendida como o conjunto de fatores, sendo eles, biológicos e ambientais. É um misto de processos automáticos e cognitivos que levam a diferentes reações de acordo com a determinada forma em diferentes contextos.

Segundo Pacheco (1998) existem duas formas de abordar esse tema: ideográfica ou nomotética. O estudo ideográfico se interessa pelo que há de único da personalidade de cada um. Enquanto o estudo nomotético busca descobrir o que há de comum entre as personalidades.

A personalidade refere-se ao modo que o indivíduo pensa, sente, percebe ou age, inclui também, atitudes, crenças, habilidades, emoções, desejo e modo como se comporta. A

personalidade é a interação de todos os aspectos citados acima, que configuram a singularidade do indivíduo (LEITE *et al*, 1973).

Há uma interação mútua entre os elementos da personalidade, envolvendo duas dimensões do ser humano, mente/corpo. Todos os sistemas da personalidade exercem influência sobre todos os atos e, através disto, a personalidade se torna conhecida. É importante considerar que a personalidade é como um processo contínuo que está sempre em crescimento e desenvolvimento (PACHECO, 1998).

Segundo Baptista (2008), quanto ao traço de personalidade, pode-se definir como sendo a representação de características duráveis que estejam à disposição do indivíduo para que ele se comporte de uma determinada forma em várias situações.

A avaliação psicológica foi essencialmente influenciada no decorrer do século XX pelas principais correntes de pensamento, cada uma destas evidenciou a preferência do comportamento, da cognição e do afeto na organização e funcionamento do psiquismo humano. Tais linhas de pensamento correspondem às estratégias de avaliação específicas, ou seja, são métodos e instrumentos específicos. Dentre esses instrumentos, podem-se considerar os testes psicológicos, sendo os projetivos, como uma estratégia de avaliação (CUNHA, 2007).

Nesse seguimento, o teste psicológico é um instrumento sistemático para alcance de amostras relevantes do comportamento, para o funcionamento cognitivo e afetivo e a avaliação das amostras obtidas de acordo com padrões empíricos (URBINA, 2007). Avaliação psicológica é um processo que visa fornecer informações sobre uma pessoa ou grupo. É decorrente de três aspectos, a medida, o instrumento e o processo de avaliação. O que permite a compreensão do objeto de pesquisa e do fenômeno psicológico (SILVA, 2010).

Segundo Zuanazzi e Ribeiro (2015) as técnicas projetivas têm o objetivo de avaliar a capacidade do indivíduo de seguir as tarefas propostas e expressar a maneira como interpreta o mundo, através dos estímulos propostos por cada teste.

Atualmente existem várias técnicas de testes projetivos disponíveis no mercado, que podem ser vistos no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), que se refere a um sistema nacional criado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), utilizado para verificar a qualidade e validação técnico-científica dos testes psicológicos para utilização por profissionais através da Resolução CFP Nº 009/2018 (BRASIL, 2018).

Segundo Villemor-Amaral *et al* (2005) o Teste as Pirâmides Coloridas de Pfister é um instrumento de avaliação psicológica, utilizado no meio acadêmico para pesquisas e, também, em clínicas. É uma técnica muito propícia, pois o manejo é simples, não requer muito tempo para aplicação, não precisa de expressão verbal e é considerada uma tarefa lúdica. O Pfister

exige apreensão de informação, noção espacial, escolha e combinação de cores e tonalidades. As associações cognitivas utilizadas para realizar o teste revelam os recursos e mecanismos de defesa do indivíduo relacionado à sua vida na esfera emocional. O teste é projetivo e foi criado em 1951 na Suíça por Max Pfister (1889-1958), nascido em Zurique.

O professor e psicólogo José Arvedo Flach (Irmão Henrique Justo), nascido dia 25 de julho de 1922, foi o responsável por introduzir o teste de Max Pfister (pirâmides coloridas) no Brasil (LEITE, 1999). O instrumento oferece características importantes da personalidade do indivíduo, em relação aos aspectos afetivo-emocional e o controle de impulsos. O teste tem como objetivo ampliar o conhecimento, analisando as características da personalidade do sujeito (NOGUEIRA, 2013).

2 MÉTODO

Com o propósito de verificar as características dos traços de personalidade de homens condenados e presos por feminicídio íntimo/homicídio conjugal, o presente trabalho se classifica como descritivo, tendo em vista que teve como objetivo descrever as características dos traços de personalidade de uma determinada população e/ou fenômeno (GIL, 2008). Segundo Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa descritiva busca descobrir características, causas e as relações com outros fatores, podendo para tanto, coletar dados utilizando-se de técnicas específicas como questionários, aplicação de testes e observação sem interferência do pesquisador para análise dos dados. A pesquisa em questão se caracteriza por ser um levantamento, como aponta Gil (2008), que consiste no questionamento direto dos indivíduos que fazem parte da população que será estudada. Após a coleta de dados os mesmos foram analisados.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), esse tipo de pesquisa ocorre quando se busca a descrição das características dos indivíduos, cujo fenômeno pretende-se conhecer, diretamente com um grupo de pessoas acerca do problema, podendo assim, ter um conhecimento direto da realidade.

Os dados coletados foram exibidos de forma quantitativa, onde Kauark *et al* (2010), considera que os resultados obtidos podem ser transformados em números para expressar opiniões e informações a fim de classificá-las e analisá-las. Raupp e Beuren (2006) destacam a importância do método quantitativo, uma vez que este objetiva a garantia de se obter resultados precisos, evitando assim, distorções de interpretações nas análises, permitindo uma margem de

segurança quanto aos resultados alcançados. O emprego dessa tipologia de pesquisa se fez valioso, pois foram utilizados métodos estatísticos para análise e tratamento dos dados.

A natureza da pesquisa refere-se a uma pesquisa Básica, pois teve como finalidade gerar novos conhecimentos úteis para o crescimento e desenvolvimento da ciência, sem aplicação prática prevista, abarcando verdades e interesses universais (KAUARK *et al*, 2010).

2.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa oito homens com idade entre 21 a 43 anos, (M: 32 anos; DP: 6,04), com diferentes níveis de escolaridade, condenados e presos por feminicídio íntimo/homicídio conjugal em duas penitenciárias localizadas em um município no Oeste do Estado do Paraná, Brasil.

A Lei nº 13.104/2015 que prevê o feminicídio é recente, desse modo, compreende-se que há poucos homens condenados por feminicídio e que estejam presos nas instituições prisionais. Assim, foi realizada também uma pesquisa com homens condenados por homicídio conjugal, visto que esse era o termo utilizado antes do feminicídio para denominar o assassinato de mulheres por razão de gênero e que tenham um vínculo afetivo com o homicida.

As pesquisadoras se dirigiram até as instituições prisionais para realizar o recrutamento dos participantes, selecionando todos os apenados que possuíam os critérios de inclusão para participarem da pesquisa, através da leitura de seus prontuários. Os critérios de inclusão utilizados foram: ser do sexo masculino e ter sido condenado pelo crime de feminicídio íntimo/homicídio conjugal; ter idade entre 18 a 60 anos; estar preso em uma das duas penitenciárias localizadas em um município no Oeste do Estado do Paraná, Brasil; concordar com as condições do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os critérios utilizados para exclusão dos candidatos foram: ser daltônico, pois trata-se de um teste que utiliza a escolha das cores para formação das pirâmides, influenciando diretamente nos resultados; não se enquadrar nos crimes de feminicídio íntimo/homicídio conjugal; não concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.2 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram um questionário sociodemográfico estruturado contendo questões fechadas e com respostas no formato objetivo e o Teste: “As Pirâmides Coloridas de Pfister”.

O questionário sociodemográfico buscou coletar informações acerca de suas características gerais, como: idade, raça, estado civil, nível de escolaridade, religião, com quem morava quando o crime aconteceu, situação empregatícia na época, profissão, se sofreu algum tipo de violência na infância e se sim, de quem, antecedentes criminais e relacionamento com a vítima. As questões eram fechadas e foram respondidas no formato objetivo conforme melhor enquadramento nas respostas.

O teste das “Pirâmides Coloridas de Pfister” consiste em um material simples e de fácil aplicação. É composto por um jogo de quadrículos, coloridos, dispostos em 10 cores, subdivididas em 24 tonalidades. Contém 45 unidades de cada um dos tons, e, de modo igual, para todos os tons para que a pessoa tenha a possibilidade de construir as pirâmides na mesma tonalidade, se desejar. As cores dos quadrículos são: azul, verde, vermelho, violeta, amarelo, laranja, marrom, preto, branco e cinza (VILLEMOR-AMARAL, 2012).

2.3 PROCEDIMENTOS

As pesquisadoras foram até a instituição onde foi realizada a pesquisa. Os participantes foram selecionados de acordo os critérios de inclusão e agendado um dia para a coleta de dados junto a instituição. No dia da aplicação os participantes foram direcionados ao local que a instituição disponibilizou para aplicação da coleta de dados. A sala disponibilizada pela instituição era com boa iluminação, com uma mesa de cor clara e sem estímulos visuais que pudessem interferir na aplicação dos instrumentos.

Antes de iniciar a coleta de dados foi apresentado aos participantes, de modo individual, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entregue em duas vias. Após o consentimento na participação da pesquisa, foi colhida a assinatura em uma via do termo e a outra ficou de posse do participante.

Após o consentimento, foi entregue ao participante da pesquisa o questionário sócio demográfico e respondido de acordo com a opção de melhor enquadramento nas respostas.

Depois, iniciou-se a aplicação do teste das “Pirâmides Coloridas de Pfister”. A aplicação do teste ocorreu em três etapas. Inicialmente, após receber as instruções de realização do teste,

o indivíduo iniciou a primeira pirâmide e ao terminar, foi retirado cuidadosamente, deixando-a fora do alcance e de maneira que não pudesse ser vista, para que ele então pudesse iniciar a montagem da segunda, e, posteriormente, da terceira pirâmide. Concluídas as três pirâmides, o participante pode vê-las, na sequência em que foram montadas, foram feitas algumas perguntas que consistem em protocolo do próprio teste psicológico. O tempo de aplicação foi em torno de 30 minutos por participantes.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada uma análise dos dados descritiva e inferencial dos dados obtidos através do questionário sociodemográfico e da correção informatizada do instrumento “As Pirâmides Coloridas de Pfister”, embasada no manual do mesmo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A população pesquisada compreendeu oito homens, condenados por feminicídio íntimo/homicídio conjugal e reclusos em uma unidade prisional de regime fechado, com idade entre 21 a 43 anos, (M: 32 anos; DP: 6,04). Quanto à escolaridade 62,5% (N=5) possui o ensino fundamental incompleto, seguido de 37,5% (N=3) com o ensino médio incompleto. Um estudo realizado por Meneghel e Hirakata (2011) fez uma comparação das características dos agressores e das vítimas, onde se constatou que os agressores são pessoas novas, porém, mais velhas que as vítimas e, ainda, com menor grau de escolaridade do que as mesmas.

Em uma pesquisa realizada por Madureira *et al* (2014) em um município da região central do estado do Paraná, foi feita uma retrospectiva documental descritiva. Por meio da análise de dados dos Autos de Prisão em Flagrante de homens autores de violência, identificou-se que a faixa etária média variava de 20 a 29 anos, prevalecendo também a baixa Escolaridade. Corroborando com estes dados, Rodrigues (2016) realizou um estudo da tipologia de uma amostra de homicidas que agiram em episódio único no Estado do Paraná, onde foi possível identificar que a idade média dos homicidas era de 24,8 anos e em sua maioria (70,27%) apresentavam escolaridade de ensino fundamental incompleto.

Na presente pesquisa, a maioria 75% (N=6) considera-se pardo e 25% (N=2) brancos. No que se refere à crença religiosa 75% (N=6) declararam-se seguir alguma religião contra 25% (N=2) sem religião. Em relação ao estado empregatício antes do delito, 75% (N=5)

desenvolviam atividades autônomas, enquanto 25% (N=3) eram empregadas com registro. Já quanto ao estado civil atual 87,5% (N=7) dos participantes afirmaram serem solteiros e 12,5% (N=1) casados, sendo esse último dado, contraído novo relacionamento após a prática criminal. Em 87,5% (N=7) as vítimas foram a companheira/cônjuge e 12,5 % (N=1) a vítima foi outros familiares.

Nesse seguimento, Eluf (2007) sustenta que os agressores são geralmente homens de meia idade e brancos. Madureira *et al* (2014) apresenta dados de sua pesquisa com esta população, em que a maioria dos homens autores de violência eram casados, sendo a casa o local onde se perpetuava a violência, bem como, os agressores eram em sua maioria companheiros ou ex-companheiros das vítimas.

Quanto ao histórico de envolvimento criminal 75% (N=6) dos participantes da presente pesquisa possuíam antecedentes criminais, sendo por diversas transgressões, tais como: porte ilegal de armas, tentativa de homicídio, furto, roubo, desacato a autoridades, receptação e tráfico. A população total (N=8) relatou não ter sofrido violência na infância.

Reafirmando os dados acima, um estudo conduzido por Meneghel e Hirakata (2011) demonstrou que os agressores conjugais possuíam antecedentes criminais e já tiveram vários envolvimento em brigas e ameaças contra mulheres.

Já Felicio, Lima e Vargas (2016), postulam que entre as características do perfil de homens que cometeram violência conjugal, identificaram que sofreram violências físicas quando criança (FELICIO, LIMA E VARGAS, 2016), O que não foi constatado na presente pesquisa.

A pesquisa contou também com a aplicação do teste Pfister, o qual foi analisado através do manual de A. E. Villemor-Amaral (2012), considerando as cores mais utilizadas, agrupamento de cores em duplas, as síndromes cromáticas, aspecto formal das pirâmides, modo de execução das pirâmides e sinais especiais presentes nas pirâmides. A seguir na Tabela 1, pode-se observar a média da frequência da utilização das cores pelos participantes comparando com o valor normativo para não pacientes. Foi utilizado da simbologia para descrever os resultados elevados, rebaixados e equivalentes.

Tabela 1: Porcentagem média das cores

Cor	Média de utilização (amostra)	Não pacientes
Verde	31,11 % 	19,7
Branco	11,11 % 	8,3
Azul	18,61 % 	18,1
Vermelho	13,31% 	13,6
Amarelo	9,71 % 	9,5
Violeta	5,82 % 	8,5
Laranja	4,71 % 	10,8
Preto	2,77 % 	4,5
Cinza	1,1 % 	2,9
Marrom	0,27 % 	4,0

Fonte: Elaborada pelas autoras. (*) VILLEMOR-AMARAL (2012).

As cores que apresentaram níveis de utilização elevados evidenciam subsequentemente presença de traços de sobrecarga de estimulação, que pode gerar ansiedade provocando a ruptura do equilíbrio interno, bem como, sentido de vazio interior, fragilidade estrutural e de pouca estabilidade, vulnerabilidade e ausência de mecanismos de controle, perda de contato com a realidade, negativismo, apatia e prostração. Para Eluf (2007) homens que cometem um crime passionai são considerados egoístas e ciumentos, apresentam uma imaturidade e descontrole emocional, bem como, consideram a mulher um ser inferior.

Rodrigues (2016) em sua pesquisa realizou uma diferenciação entre os homens que assassinaram pessoas íntimas daqueles que mataram pessoas desconhecidas. Os resultados do estudo sugerem que os homicidas de parceiras íntimas, são indivíduos ligados aos padrões sociais de relacionamento e emprego e usam da violência para satisfação emocional.

Denotando consecutivamente traços de extroversão, irritabilidade, agressividade e impulsividade, sendo a presença de extroversão canalizada e adaptada ao ambiente em que vivem, assim como, características de controle, introversão e adaptação, não atribuindo sua

função estabilizadora de aspectos impulsivos. Estes dados, principalmente quanto ao traço de impulsividade, são sustentados por Santiago e Coelho (2010) em um estudo com esta população, onde identificaram que todos os participantes da pesquisa haviam praticado o assassinato de forma não planejada, mas sim, de maneira impulsiva.

Ainda em relação ao uso das cores rebaixadas, evidenciou respectivamente a negação dos impulsos e da ansiedade, consequente da intolerância de suportar esses estados o que acarreta em dificuldade de elaborar conflitos, comprometendo assim o equilíbrio da personalidade, da mesma maneira que traços de repressões e inibições, sinais de carência afetiva, ligadas ao sentimento de vazio e, ainda, ansiedade, repressão dos afetos e inseguranças.

Estes traços acima evidenciados foram apontados por Santiago e Coelho (2010), que constataram que o motivador para os crimes passionais é a dificuldade que o indivíduo tem em lidar com algumas situações de conflito, como, uma traição, sendo ela imaginária ou real. Assim, diante do ódio e da rivalidade, o ato da violência é uma resposta impulsiva que pode acabar com a morte da vítima, evidenciado pela dificuldade do parceiro amoroso em lidar com frustrações e angustias de uma traição, sendo que a intolerância se manifesta, culminando com práticas que muitas vezes conduzem à morte da vítima.

Além destas, outras cores rebaixadas no presente estudo, conotando sucessivamente a presença de extroversão, sendo está ligada a um âmbito mais primitivo dos impulsos bem como, inclinação para descargas mais intensas e violentas, e ainda, diminuição das repressões substancial ao indivíduo socialmente adaptado.

Em seguida, na tabela 2 mostra-se o aparecimento de agrupamento de cores em dupla. Refere-se à frequência de aparecimento nos resultados, ou seja, quantas vezes o agrupamento apareceu ou não, por indivíduo. Nem todos os participantes tiveram agrupamento de duplas, contudo, 5 indivíduos apresentaram, sendo que alguns apresentaram mais do que uma dupla. Foi empregada a simbologia para identificar os resultados elevados e rebaixados.

Tabela 2: Agrupamento de cores em duplas.

Dupla de Cores		Frequência
Laranja e Violeta	↓	3
Vermelho e Verde	↑	1
Vermelho e Branco	↑	1
Azul e Amarelo	↑	1
Azul e Preto	↑	1
Preto e Amarelo	↑	1

Fonte: Elaborada pelas autoras. (*) VILLEMOR-AMARAL (2012).

Notou-se a presença significativa de agrupamento de cores em duplas, sendo predominante a dupla rebaixada, indicando uma atitude lenta e de baixa produtividade.

Quanto aos demais agrupamentos aumentados indicam fragilidade em relação a sua estrutura da personalidade, as descargas de impulsos e também a impossibilidade de elaboração, sendo, tais agrupamentos, verificados em personalidades psicopáticas (VILLEMOR-AMARAL, 2012).

Já os agrupamentos de cores em dupla aumentado, mostra excitabilidade e impulsividade relacionadas com a estrutura enfraquecida, sugere também alguns descontroles de ação, atitudes desorganizadas, sendo verificados em casos de psicóticos, contrapõem introversão e extroversão, indicando conflito e imaturidade, também imaturidade do indivíduo, mais comum em adolescentes, indica que o indivíduo possui um bloqueio e conseqüentemente muita dificuldade na elaboração, formando um obstáculo em seu desenvolvimento emocional, pessimismo, rigidez, falta de energia e negativismo. Em consonância com os dados apresentados, Magalhães (2010) sustenta que os agressores, em sua maioria, possuem ansiedade e baixa autoestima, uma personalidade impulsiva e imatura, com dificuldade para lidar com frustrações.

A tabela 3 apresenta a porcentagem média das síndromes cromáticas, comparada com os valores normativos para não pacientes.

Tabela 3: Porcentagem média das Síndromes Cromáticas e suas cores componentes

Síndromes	Amostra	Não Pacientes	Cores
Normal	61,1 %	51,3%	Az + Vm + Vd
Fria	52,98	46,3 %	Az + Vd + Vi
Estímulo	31,97	33,9 %	Vm + Am + La
Incolor	14,15	15,8 %	Pr+ Br + Ci

Fonte: Elaborada pelas autoras. (*) VILLEMOR-AMARAL (2012).

Observou-se nos resultados um aumento da síndrome de normalidade, que podem apontar que o indivíduo tem um esforço para garantir seu equilíbrio, podendo chegar a uma pseudonormalidade. Este dado corrobora com os dados de pesquisa de Santiago e Coelho (2010), que sustentam que o homicida conjugal não possui uma autocrítica, contudo, mesmo assim, deseja ser exaltado e admirado por qualidades que não possui, por isso, se sente desprezado e acaba realizando atos criminais que envolvem o homicídio contra a pessoa amada. Eluf (2007) destaca que o criminoso passional possui uma preocupação exagerada com sua reputação e também uma necessidade de dominação. São preocupados com a imagem social e querem mostrar sua virilidade e masculinidade.

Na Tabela 4 segue a apresentação dos aspectos formais das pirâmides, apresentados em porcentagem, comparados com a população de não pacientes. A média utilizada, refere-se à quantidade total de pirâmides (N=24).

Tabela 4: Distribuição das pirâmides em função dos aspectos formais

Tipos de Formação	%	Não Pacientes
Formação em camadas Multicromais	50	45 %
Formação em camadas Monotonais	25	6,3 %
Tapetes puros	25	31,5 %

Fonte: Elaborada pelas autoras. (*) VILLEMOR-AMARAL (2012).

As formações em camadas multicromais, predominantes nas pirâmides, remetem a um estilo mais sensível, no entanto, mais reprimido na ação. Este dado, confirmado no estudo conduzido por Caldeira (2012), em sua pesquisa do Perfil Psicopatológico de Agressores Conjugais, em que foi aplicado o instrumento SCL-90-R, identifica a pontuação máxima na

dimensão de sensibilidade interpessoal, ou seja, uma hipersensibilidade, relacionado à opiniões e atitudes dos demais, sendo que, os sintomas proeminentes de tal dimensão, seriam sentimentos de timidez e vergonha, uma tendência de inferioridade em relação ao outro, hipersensibilidade sobre opiniões e atitudes alheias, e com um todo, inibição e incômodo em seus relacionamentos interpessoais.

As formações em camadas monotônicas refletem um nível não devidamente amadurecido em relação as emoções e manejos defensivos podendo indicar no sujeito inibição e retraimento. As formações em camadas são mais frequentes em crianças e adolescentes, indicando que a personalidade do indivíduo ainda está em formação, não suficientemente estabilizada, vulnerável e lábil. De igual maneira, em um estudo conduzido por Serafim (2005), o autor identificou que os homicidas mostravam possuir uma tendência hereditária de inibir ou até mesmo cessar comportamentos diante de estímulos aversivos, com o intuito de esquivar de punição.

Por fim, na Tabela 5, apresenta-se por meio de porcentagem, o processo utilizado para execução das pirâmides, sendo que o este processo se trata da maneira em que o participante constrói as suas pirâmides, podendo ser catalogadas em metódica ou sistemática, ordenada, desordenada e relaxada.

Tabela 5: Processo de execução

Processo de Execução	%
Metódica ou Sistemática	37,5 %
Ordenada	37,5 %
Desordenada	25 %
Relaxada	-

Fonte: Elaborada pelas autoras. (*) VILLEMOR-AMARAL (2012).

Quanto ao processo de execução, notou-se predominância dos processos metódicos e ordenados (74,5%). O processo metódico evidencia um comportamento que tende a ser muito organizado, enquanto o processo ordenado segue um padrão de colocação um tanto quanto constante, permitindo algumas variações e pode denotar flexibilidade no indivíduo. Um estudo que corrobora com a identificação do traço de flexibilidade por parte desta população, foi conduzido por Canani *et al* (2008) que postulou que os indivíduos privados de liberdade, tendem a se adaptar ao ambiente carcerário, visto que, precisam conviver com as normas do

sistema prisional, além de ter que passar parte de sua vida dentro do sistema, isso denota flexibilidade.

Por fim, identificou-se também aparecimento de sinais especiais em 33,3% do total de pirâmides (N=8), observados pela presença de Corte ou Mutilação nas pirâmides. Segundo Villemor-Amaral (2012), este fenômeno pode evidenciar quadros graves de esquizofrenia, com suas consequências de fragilidade estrutural e possíveis alterações de pensamento. Rocha (2014) identificou em seu estudo que a psicose esquizofrênica foi a patologia mental mais frequente acometida por homicidas na data do crime, estando presente em 29 dos participantes do total de uma amostra de 77 pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homicídio é um dos crimes mais antigos e vem aumentando consideravelmente. Assume-se como a violência com as relações de intimidade, onde é visível perceber as agressões físicas, psicológicas e morais. Por via das revisões de literatura é visto que esse fenômeno com parceiros íntimos acontece com frequência.

A principal contribuição do presente estudo foi a identificação de traços de personalidade prevalentes em homens condenados e presos por feminicídio íntimo/homicida conjugal. Dentre esses traços marcantes da população estudada, destacam-se as seguintes características: introversão, agressividade, frágil estrutura da personalidade, excitabilidade, impulsividade, pouca estabilidade, vulnerabilidade, ausência de mecanismos de controle, inibição, retraimento e dificuldade em elaborar conflitos. A presente pesquisa constatou que dentre os pesquisados prevaleceram homens com baixa escolaridade, que possuíam antecedentes criminais, autônomos e com idade média de 32 anos.

Existem atualmente poucos estudos sobre este fenômeno no Brasil, por isso, compreende-se que a pesquisa contribuirá significativamente para a ciência na área da psicologia jurídica. Nesse sentido, o presente estudo auxilia para elaboração de políticas de atenção e estratégias de prevenção em redes e locais de enfrentamento e atendimento, com mediação de implementação de ações de forma educativas com grupos de homens agressores. Essas ações podem promover discussões referentes a violência doméstica, resoluções de conflitos, entre outros temas. Além disso, é fundamental que a sociedade e as autoridades governamentais reduzam as barreiras para o acesso ao tratamento psicológico, psiquiátrico e social.

Em decorrência do crescente número de homicídio contra a mulher, se faz necessário uma melhor compreensão sobre a personalidade de homens condenados e presos por feminicídio íntimo/ homicídio conjugal, para assim, auxiliar em um melhor entendimento sobre o fenômeno e, com isso, permitir que intervenções mais eficazes possam ser realizadas com o agressor. Salientamos que os resultados apresentados não são dados conclusivos, sendo necessário que novas pesquisas de caráter exploratório sejam desenvolvidas sobre esta temática

REFERÊNCIAS

- BALESTERO, G. S.; GOMES, R. N. **Violência de gênero: uma análise crítica da dominação masculina**. Revista CEJ. N. 66, p. 44-49. Brasília, maio/ago, 2015.
- BAPTISTA, N. J. M. **Teorias da Personalidade**. Trabalho Licenciatura. Instituto Universitário da Maia. Portugal, 2008.
- BITTENCOURTH, L. O.; SILVA, L. Z.; ABREU, I. S. **Feminicídio no Brasil: A cultura de matar mulheres**. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Graduação de Direito). Repositório Instituto de Ensino Superior de Espírito Santo, 2018.
- BORGES, L. M. Crime Passional ou Homicídio Conjugal. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, V. 17, nº 3, p. 433-444. Dezembro, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 13.104/15**. Promulgada em 09 de março de 2015. Dispõe sobre feminicídio: altera o art. 121 do Decreto- Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940- Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art 1º da Lei nº 8.072, de julho de 1990, para incluir feminicídio no rol dos crimes hediondos. Código Penal Brasileiro. Brasília, 09 de março de 2015.
- _____. **Avaliação Psicológica Nº 9 de 25 de Abril de 2018**. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Conselho Federal de Psicologia. Relator: Conselheiro Presidente Rogério Giannini. Diário Oficial da União.
- CANANI, P.; SANTOS, A. A. M.; LOPES, A. B.; ANDRADE, S. C.; OLIVEIRA, C. A. **Personalidade criminal: do ato de matar ao requinte de crueldade**. Revista de Iniciação científica da ULBRA, 2008.
- CALDEIRA, C. T. M. **Perfil psicopatológico de agressores conjugais e fatores de risco**. Dissertação (Mestrado), Universidade da Beira Interior, 2012.
- CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-V**. 05ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ELUF, L. N. **A paixão no Banco de Réus: Casos passionais célebres: de Pontes Visgheiro a Pimenta Neves**. 03ª ed. São Paulo, Saraiva, 2007.
- FELICIO, A. S.; LIMA, J. S. T.; VARGAS, M. M. **Traços de personalidade em homens que cometeram violência conjugal**. 18º Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes. “A prática interdisciplinar alimentando a ciência”. Aracaju, SE. Out, 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 06ª ed. São Paulo: Atlas. 2008.

- HASSE, M. **Violência de gênero contra mulheres:** em busca da produção de cuidado integral. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo. SP, 2016.
- KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa:** Um guia prático. Itabuna, BA. Via Litterarum, 2010.
- LEITE, L. O. Irmão Henrique Justo. **Revista Psicologia:** Ciência e Profissão. V. 19, nº 3. Brasília, 1999.
- LEITE, D. M.; LEITE, M. L. M. **Elementos de Psicologia.** 4ª ed. v. 2. Pioneira. São Paulo, 1973.
- MADUREIRA, A. B.; RAIMONDO, M. L.; FERRAZ, M. I. R.; MARCOVICZ, G. V.; LABRONICI, L. M.; MANTOVANI, M. F. **Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante:** contribuições para enfrentamento. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. Out/ Dez, 2014.
- MAGALHÃES, T. **Violência e abuso:** Respostas simples para questões complexas. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2010.
- MENEGHEL, S. N.; HIRAKATA, V. N. **Femicídios:** homicídios femininos no Brasil. Revista Saúde Pública, 2011.
- MARQUES, A. R. C. P. **Homicídio Conjugal como Sintoma:** “Se eu amasse a minha mulher não a tinha morto”. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Universidade de Lisboa. 2014.
- NOGUEIRA, T. G. **O Teste de Pfister na avaliação de depressão e ansiedade em universitários:** Evidências Preliminares. Faculdade de Ciências Humanas Sociais e da Saúde (Universidade FUMEC). Boletim de Psicologia. Minas Gerais. V. 62. 2013.
- ONU MULHERES. **Diretrizes Nacionais Femicídio, para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres.** Brasília-DF. Abr, 2016.
- PACHECO, L. M. B. **Traços de Personalidade e Aprendizagem por Conflito Sócio- Cognitivo.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. SP, 1998.
- PEREIRA, A. J. Aplicação dos instrumentos projetivos em avaliações forenses. **Métodos projetivos e avaliação psicológica:** Atualizações, avanços e perspectivas. VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos. Brasília, DF. p. 556-569. Agosto, 2012.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C.. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013.
- RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais.** In. BEUREN, I.M. (Org.). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- ROCHA, A. I. F. B. **Estudos dos homicidas no estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo.** Dissertação (Mestrado em Psicologia da Justiça). Instituto Universitário da Maia. 2014.
- RODRIGUES, A. S. C. **Feminicídio no Brasil:** Uma reflexão sobre o direito penal como instrumentos de combate à violência de gênero. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Graduação de Direito). Universidade Federal Fluminense- Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Volta Redonda, 2016.
- RODRIGUES, V. P.; MACHADO, J. C.; SANTOS, W. S.; SANTOS, M. F. S.; DINIZ, N. M. F. **Violência de gênero:** Representações sociais de familiares. Revista Texto & Contexto Enfermagem. 2016.
- SANTIAGO, R.; COELHO, M. **O crime passionnal na perspectiva de infratores presos:** Um estudo qualitativo. Psicologia em Estudo. 2010.
- SERAFIM, A. P. **Correlação entre ansiedade e comportamento criminoso:** Padrões de respostas psicofisiológicas em homicidas. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina. SP, 2005.
- SILVA, M. A. **Os métodos projetivos na avaliação psicológica.** Avaliação Psicológica, Universidade São Francisco, Itatiba. 2010.

URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VILLEMOR-AMARAL, A. E.; BIASI, F. C.; PAVAN, P. M. P.; TAVELLA, R. R.; CARDOSO, L. M. **A fórmula Cromática no Teste das pirâmides coloridas de Pfister em diferentes faixas etárias**. Psicologia em Revista. Belo Horizonte. V. 22, nº 2, p. 501-515. Ago, 2016.

VILLEMOR-AMARAL, A. E. **O teste das pirâmides coloridas de Pfister**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012.

VILLEMOR-AMARAL, A. E.; PRIMI, R.; FRANCO, R. R. C.; FARAH, F. H. Z.; CARDOSO, L. M.; SILVA, T. C. **O Teste de Pfister e sua contribuição para diagnóstico da esquizofrenia**. Revista do Departamento de Psicologia - UFF. V. 17, nº 2, p. 89-98. Julho/Dezembro, 2005.

WASELFSZ, J. J. **Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. 01ª ed. Brasília/DF. 2015.

ZUANAZZI, A. C.; RIBEIRO, R. L. **Testes projetivos na avaliação psicológica da esquizofrenia: Uma revisão da literatura**. V. 6, nº 2. 2015.